

“Entre homens é assim”: masculinidades em narrativas autobiográficas no contexto do PIBID

Iury Amorim Bezerra Martins¹

Leandro Teofilo de Brito²

Livia de Paula Machado Pasqua³

Simone Freitas Chaves⁴

Resumo

Este artigo discute como a construção social da masculinidade emergiu nas experiências do primeiro autor como participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIBID-UFRJ) – subprojeto Educação Física. A partir de uma abordagem autobiográfica, foram analisadas narrativas produzidas com base em registros de caderno de campo referentes às experiências vivenciadas em uma escola pública federal. As narrativas nos apontam que a escola deve assumir de maneira intencional seu papel na educação dos meninos, problematizando as normas sociais que atravessam a produção das masculinidades. Ao promover práticas pedagógicas orientadas pelo respeito, pelo cuidado, pela escuta e pelo reconhecimento das diferenças, as instituições escolares podem contribuir para uma educação que caminhe para a transformação das masculinidades na sociedade.

Palavras-chave: Masculinidades; Educação; Escola; Educação Física; Narrativas Autobiográficas.

Abstract

This article discusses how the social construction of masculinity emerged in the experiences of the first author as a participant in the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships at the Federal University of Rio de Janeiro (PIBID-UFRJ), within the Physical Education subproject. Drawing on an autobiographical approach, the study analyzed narratives produced from field diary records concerning experiences in a federal public school. The narratives indicate that schools should intentionally assume their role in boys' education by problematizing the social norms that shape the production of masculinities. By promoting pedagogical practices grounded in respect, care, attentive listening, and the recognition of differences, educational institutions can

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto Educação Física.

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto Educação Física.

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto Educação Física.

⁴ Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto Educação Física.

contribute to education in ways that foster transformations in masculinities across society.

Keywords: Masculinities; Education; School; Physical Education; Autobiographical Narratives.

Introdução

Nas últimas décadas, as discussões sobre masculinidades têm evidenciado que ser homem não corresponde a uma identidade única e natural, mas a um conjunto plural de construções atravessadas por normas, disputas e expectativas sociais e culturais. A reportagem intitulada “Redpill, incel e machosfera: entenda o significado das gírias usadas por grupos misóginos⁵” contribui com tal afirmação ao explicitar como determinados grupos de homens, organizados em ambientes digitais, produzem e reforçam modelos específicos de masculinidade, baseados na valorização da virilidade, do controle e da negação de modos outros de “ser homem”, evidenciando a manutenção das normas de gênero nesse cenário. Ainda que tais espaços também estejam associados à misoginia, observa-se que também operam pela construção de hierarquias internas entre os próprios homens, nas quais certas masculinidades são legitimadas enquanto outras são desvalorizadas ou rejeitadas. Esse contexto revela tensões e disputas contemporâneas em torno da masculinidade, marcadas tanto pela reafirmação das normas quanto pela resistência a formas mais sensíveis e plurais, tornando pertinente analisar como essas dinâmicas se manifestam nos contextos escolares.

Partindo de registros em caderno de campo sobre as questões de gênero e masculinidade em um espaço escolar, este artigo focaliza as experiências do primeiro autor, um estudante do curso de Licenciatura em Educação Física, participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIBID-UFRJ). Por meio do pensamento da teórica feminista Joan Scott, entendemos que a experiência é constituída por processos históricos que, atravessados pelo discurso, posicionam sujeitos na construção crítica do que vivem nos diferentes contextos, já que: “Não são indivíduos que têm experiência, mas sim sujeitos que são

⁵ Redpill, incel e machosfera: entenda o significado das gírias usadas por grupos misóginos na internet. Disponível em: <https://ndmais.com.br/seguranca/misoginia-contra-mulheres-codigos-da-masculinidade-toxica/>. Acesso em: 22 abr. 2026.

constituídos pela experiência” (Scott, 1998, p. 304). A autora, nesta perspectiva, tensiona o caráter incontestável da experiência presente em relatos e narrativas, permitindo reflexões sobre a desconstrução de posições essencializadas e predeterminadas pela identidade.

Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. [...] é uma historicização que implica exame crítico de todas as categorias explicativas tomadas normalmente como óbvias, incluindo a categoria de “experiência” (Scott, 1998, p. 304).

No contexto da escola, sobretudo na educação física escolar, as masculinidades alcançam elevada visibilidade, uma vez que o corpo generificado ocupa lugar central nas práticas pedagógicas deste componente curricular. Como discutem Brito e Leite (2017), trata-se de um campo historicamente atravessado por valores associados à virilidade, à competitividade e à força física. Comportamentos ligados à agressividade, à competição exacerbada, à rejeição de determinadas práticas corporais e à violência simbólica mostram-se frequentemente naturalizados entre os meninos, ao passo que expressões de afeto, cuidado e sensibilidade tendem a ser desvalorizadas ou silenciadas. Nesse sentido, tornou-se relevante problematizar como essas normas de gênero são produzidas, reproduzidas e, ao mesmo tempo, ressignificadas no espaço escolar.

Os estudos sobre masculinidades ainda podem ser considerados relativamente recentes, especialmente quando comparados a outros recortes dentro dos estudos de gênero. Constituem, nesse sentido, um campo em expansão que busca compreender como os modos de ser homem são construídos social e historicamente, e não determinados de forma fixa (Brito; Leite, 2019). Essa perspectiva permite analisar como determinados padrões de masculinidade são valorizados em detrimento de outros, sobretudo aqueles que privilegiam a dureza emocional, o controle e a negação de afetos. Outra autora feminista, hooks (2025), destaca a necessidade de evidenciar que esses modelos não apenas limitam as possibilidades de expressão dos homens, mas também

estão profundamente relacionados a estruturas mais amplas de dominação e violência, reforçando a necessidade da escola olhar com atenção para a educação dos meninos buscando construções de masculinidades alternativas.

A relevância deste artigo reside na ampliação do debate sobre gênero e masculinidades na escola e na Educação Física escolar, disciplina em que ainda se observa escassez de discussões sistemáticas sobre o tema na formação inicial docente e nas práticas pedagógicas. Ao adotar uma abordagem autobiográfica, o estudo reconheceu o pesquisador como sujeito implicado no campo, utilizando as próprias experiências como fonte de análise e reflexão. As narrativas rememoram as experiências do PIBID - subprojeto Educação Física, que desenvolveu suas atividades em uma escola da rede federal de ensino, com turmas do primeiro e terceiro anos do ensino médio.

De acordo com Tassa (2025), as narrativas autobiográficas constituem importantes instrumentos para a compreensão dos processos formativos, pois permitem ao sujeito revisitar experiências vividas, atribuindo novos significados a acontecimentos que marcaram sua trajetória pessoal e profissional. Nesse sentido, a autobiografia não se limita ao relato de memórias, mas constitui um exercício reflexivo capaz de produzir conhecimento sobre a formação docente. Por meio desse processo, é possível revisitar memórias, acontecimentos e aprendizagens que marcaram sua trajetória pessoal e profissional, buscando compreender os significados dessas vivências ao longo do tempo.

No campo da educação, a autobiografia tem sido utilizada como um importante recurso para compreender os processos de formação docente (Tassa, 2025). Ao narrar suas experiências, o/a docente tem a oportunidade de refletir sobre sua prática, suas escolhas e os conhecimentos construídos ao longo de sua trajetória. Esse movimento favorece o autoconhecimento e contribui para uma compreensão mais crítica sobre a própria atuação profissional, permitindo identificar aprendizagens, desafios e transformações vivenciadas durante a formação.

Além disso, as narrativas autobiográficas permitem relacionar experiências individuais com os contextos sociais e educacionais em que elas ocorreram. Ao revisitar o passado a partir do olhar do presente, o sujeito pode compreender melhor como

diferentes vivências influenciaram sua formação e sua identidade profissional. Nesse sentido, a autobiografia torna-se uma ferramenta relevante para pesquisas que buscam valorizar a experiência vivida como fonte de produção de conhecimento.

Este trabalho teve como objetivos discutir como a temática das masculinidades emergiu e se manifestou nas experiências rememoradas do primeiro autor como pibidiano; problematizar como normas e deslocamentos relacionados às masculinidades se fizeram presentes nas aulas de educação física; e analisar possibilidades de tensionar regulações relativas às masculinidades nos espaços escolares. Para isso discutiremos as narrativas autobiográficas construídas no contexto das experiências do PIBID.

Masculinidades, dança e a recusa do corpo fluído: a experiência com o Charme

Nas aulas de dança Charme, desenvolvidas com uma turma do terceiro ano do ensino médio, a recusa de cerca de cinco meninos em participar da atividade revelou mais do que uma resistência circunstancial à dança; evidenciou processos de regulação das masculinidades no espaço escolar. A justificativa apresentada por alguns estudantes, centrada na dificuldade de executar movimentos marcados pela fluidez, pelo ritmo e pela expressividade corporal, pode ser compreendida à luz de normas de gênero, que historicamente associam determinadas práticas corporais ao feminino, tornando sua experimentação potencialmente ameaçadora para a masculinidade.

Sob essa perspectiva, a recusa não aparece como simples desinteresse, mas como performance de adequação a expectativas sociais sobre o masculino. Nesse sentido, as masculinidades se constituem também por negações, rejeitam-se práticas, gestos e sensibilidades que possam tensionar a virilidade. A dança, nesse contexto, parece operar como fronteira simbólica onde certos estudantes buscam preservar pertencimento a um ideal masculino socialmente legitimado. Essa situação dialoga com o que a teórica feminista Judith Butler nomeia como performatividade de gênero, uma vez que os estudantes pareceram regular seus comportamentos corporais a partir de expectativas socialmente construídas sobre o que é considerado adequado para os homens. Nas palavras da autora: “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente

produzido e imposto por práticas reguladoras da coerência do gênero” (Butler, 2015, p. 56). Do mesmo modo, Brito e Leite (2017) apontam que determinadas práticas corporais são historicamente associadas a masculinidades legítimas, enquanto outras podem ser rejeitadas por produzirem tensionamentos em relação aos padrões regulatórios de gênero.

Em contrapartida, dois meninos e duas meninas que se dispuseram a reorganizar a coreografia, sugerindo movimentos e colaborando com a professora, produziram deslocamentos importantes na dinâmica da aula. O protagonismo estudantil favoreceu engajamento pedagógico e tensionou a própria norma que vinculava a dança a um território interdito para meninos. Recorremos novamente a Butler (2015), que nos diz: “parece que os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (p. 236). A experiência sugere que a educação física escolar pode operar simultaneamente como espaço de reprodução e contestação das normas de gênero, uma vez que, ao lado das recusas, emergem brechas para outras formas de vivenciar o masculino.

Natação, corpo e masculinidades: atravessamento das violências simbólicas

Nas aulas de natação que ocorriam na escola, as relações entre masculinidade, corpo e violência emergiram com intensidade. A não participação contínua de um estudante com deficiência física pode ser lida não apenas como retraimento individual, mas como possível efeito de um ambiente atravessado por regimes de visibilidade corporal e por normas que associam sentidos do masculino à força, à aptidão e à invulnerabilidade. A noção de violência simbólica diz respeito a forma de dominação que se exerce de maneira sutil, por meio de valores, classificações, normas, discursos e significados socialmente legitimados. Na ordem androcêntrica, a violência simbólica ocorre quando as visões de mundo dos grupos dominantes são apresentadas como naturais, universais ou legítimas, levando até mesmo os grupos dominados a reconhecê-las e, muitas vezes, a reproduzi-las (Bourdieu, 2009).

Esse cenário tornou-se ainda mais significativo diante da fala de um estudante que afirmou que “entre homens é assim: zoando, brincando e provocando”. Tal enunciado

pode ser compreendido como uma pedagogia da masculinidade (Marques; Brito, 2026), na qual humilhação, provocação e agressão verbal aparecem naturalizadas como linguagem legítima da sociabilidade entre meninos.

O uso de insultos dirigidos a colegas e a banalização desses discursos evidenciam masculinidades marcadas pela dominação e pelo rebaixamento do outro como forma de pertencimento grupal. Os registros sobre a não participação nas aulas de natação de um estudante com deficiência aproximam-se das reflexões de hooks (2025), que argumenta que os processos de socialização masculina frequentemente associam reconhecimento à dominação e ao controle emocional. Também dialogam com Castro (2018), ao problematizar como determinadas expressões de masculinidade são construídas a partir da rejeição da vulnerabilidade e da valorização de comportamentos agressivos, naturalizados como características próprias do universo masculino. Mais do que episódios isolados, tais práticas podem ser compreendidas como modos reiterados de uma performatização do masculino, nos quais a violência simbólica atua como mecanismo de reconhecimento entre pares.

A situação ganha maior densidade quando articulada à questão da deficiência, pois explicita como normas da masculinidade podem intensificar processos de exclusão de corpos percebidos como “menos masculinos” nesse regime de regulação. Os homens com alguma deficiência são frequentemente identificados como corpos incompletos, dependentes, frágeis ou assexuados, características socialmente vinculadas ao feminino e consideradas incompatíveis com a masculinidade significada por força, autonomia, domínio corporal, produtividade e, sobretudo, potência sexual (Nagone, 2018).

Nesse contexto, a intervenção docente que ocorreu, adquire centralidade analítica. Ao afirmar que relações entre homens também podem ser mediadas por afeto, respeito e cuidado, a professora produziu um contradiscurso frente à naturalização da violência simbólica presente nas enunciações dos estudantes. A experiência evidencia o papel da mediação pedagógica na produção de fissuras em normas aparentemente estabilizadas.

Dispositivos discursivos masculinistas no cotidiano escolar

Um episódio ocorrido fora da aula revelou como discursos opressores proferidos por meninos produzem efeitos nos espaços escolares. Após a recusa da professora em emprestar materiais para o futebol, um estudante afirmou, em tom jocoso: “Então vamos matar a professora”. Embora enunciada como brincadeira, a fala mobiliza efeitos discursivos em que ameaça e agressão aparecem banalizadas como respostas legítimas à frustração. O episódio sugere que o discurso pode ser significado como um dispositivo de poder.

A noção foucaultiana de dispositivo diz respeito aos arranjos de poder em relações dispersas no cotidiano, que se manifestam em afirmações, negações, teorias e todo um jogo de verdade, que pode ser identificado nas práticas discursivas e não discursivas (Foucault, 2018). Os dispositivos de poder incitam a produção de enunciados, de discursos, que participam dos sentidos em circulação na sociedade.

A relação entre esse discurso masculinista e o futebol não é irrelevante. Considerando o lugar historicamente ocupado pelo futebol na produção de masculinidades (Bandeira, 2019; Brito, 2021), a frustração diante do impedimento da prática aciona um discurso de intimidação e reafirmação de uma autoridade masculina que reage violentamente quando seus desejos são contrariados. Concordamos com Butler (2021, p. 23) de que “a linguagem opressiva não é um substituto da experiência da violência. Ela coloca em ação sua própria forma de violência”.

O caso permite problematizar como discursos também podem operar como recurso de pertencimento e reconhecimento entre meninos. Conforme discutem Brito e Leite (2017), práticas discursivas, aparentemente banais, podem atuar como mecanismos de regulação das masculinidades, reforçando expectativas relacionadas à agressividade, ao poder e à dominação nas relações entre os estudantes e também com docentes. Nesse sentido, a “brincadeira” não neutraliza a violência do enunciado, ao contrário, sua naturalização constitui um dos modos de reprodução dessas normas.

O episódio desloca a análise para além das aulas de educação física, mostrando que a produção das masculinidades no contexto escolar atravessa diferentes tempos, espaços e relações, sendo reiterada em práticas discursivas que naturalizam a

intimidação, a agressividade e a violência como modos legítimos de afirmação entre os meninos.

Considerações

As experiências narradas pelo primeiro autor e problematizadas neste artigo apontam que as masculinidades são produzidas cotidianamente no espaço escolar por meio de discursos que participam da criação de realidades, que ocorrem não só nas escolas, mas na sociedade em geral. Longe de constituírem manifestações naturais dos meninos, tais comportamentos são atravessados por normas regulatórias de gênero que associam o masculino à força, à competitividade, à invulnerabilidade, à dominação e ao distanciamento de práticas significadas como femininas.

As narrativas nos apontam que a escola deve assumir de maneira intencional seu papel na educação dos meninos, problematizando as normas sociais que atravessam os sentidos das masculinidades. Ao promover práticas pedagógicas orientadas pelo respeito, pelo cuidado, pela escuta e pela alteridade, a instituição escolar pode contribuir para que os/as estudantes questionem normas de gênero naturalizadas e ampliem suas possibilidades de existência. Mais do que corrigir comportamentos individuais, trata-se de criar condições coletivas para a construção de masculinidades menos opressoras, mais plurais e comprometidas com relações democráticas.

Quanto à formação inicial docente, reconhecemos a importância do debate sobre gênero, sobretudo na focalização do tema da masculinidade. Compreender como as normas de gênero atravessam corpos, discursos e relações estabelecidas no cotidiano escolar, contribui para que professores e professoras em formação não interpretem situações de agressividade, discriminação ou rejeição das diferenças como comportamentos naturais dos meninos. Nesse sentido, experiências formativas como as proporcionadas pelo PIBID favorecem a aproximação com a realidade escolar e possibilitam a construção de intervenções pedagógicas comprometidas com o enfrentamento das violências e das desigualdades. A presença dessas discussões nos currículos das licenciaturas mostra-se, portanto, fundamental para formar docentes

capazes de reconhecer, problematizar e produzir deslocamentos nas normas de gênero, contribuindo para uma educação comprometida a diferença.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Gustavo. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris; 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2009.

BRITO, Leandro Teófilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 29, p. 1-14, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkrb3kcbsvQc/> . Acesso em: 22 jul. 2026.

BRITO, Leandro Teófilo de; LEITE, Miriam Soares. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, p. 481-500, mai./ago. 2017. Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8812> . Acesso em: 10 jul. 2026.

BRITO, Leandro Teófilo de; LEITE, Miriam Soares. Pesquisar a masculinidade na Educação: sobre o potencial performativo do texto acadêmico. In: 39ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39, 2019, Niterói. **Anais ...** Niterói, ANPED, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, Susana. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Revista Aprender**, Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, jul./dez. 2018. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552> . Acesso em: 10 jul. 2026.

CORREIA, Marcos Miranda et al. O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016. Disponível em:
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-788581> . Acesso em: 10 jul. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

hooks, bell. **A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.

MARQUES, João Paulo; BRITO, Leandro Teófilo de. Pedagogias das masculinidades nas práticas corporais: diálogos possíveis entre estudos discursivos e decoloniais. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 1, n. 37, p. e-3721, 2026. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/79252> . Acesso em: 10 jul. 2026.

NAVONE, Santiago Luis. Norma, integración y desafío: representaciones masculinas de varones con discapacidad física. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 75-98, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/ZLkQ8wKJJwJDjP8f9QSZYs/> . Acesso em: 10 jul. 2026.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 16, p.297-325, jan./jun. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194> . Acesso em: 10 jul. 2026.

TASSA, Khaled Omar Mohamad El. (Auto)biografias de um professor de educação física: narrativas de vida, trabalho e formação. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 21, n. 62, p. 412-438, 2025. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/6881> . Acesso em: 10 jul. 2026.